



XIX
ENCONTRO DE
PÓS-GRADUAÇÃO
E PESQUISA

DIAS 16 A 18 DE OUTUBRO DE 2019,
UNIVERSIDADE DE FORTALEZA - UNIFOR
ISSN 1808-8457

A POPULAÇÃO NEGRA NA MÍDIA: UMA ANÁLISE DO PORTAL DE NOTÍCIAS CEARÁ CRIOLO

Marina Solon Fernandes Torres Martins^{1*} (PG), Márcia Vidal Nunes² (PD)

1. Universidade Federal do Ceará (UFC) - Mestranda em Comunicação
2. Universidade Federal do Ceará (UFC) - Doutora em Sociologia

Resumo

Este artigo faz uma análise de parte do conteúdo do *site* Ceará Criolo, veículo de mídia independente idealizado e mantido por cinco comunicadores negros. Na contramão do discurso excludente da população negra na chamada grande imprensa, o Ceará Criolo se posiciona como espaço qualificado de informação trazendo um cenário midiático inclusivo para a população negra. Analisamos o site enquanto plataforma que rompe com a hegemonia do pensamento colonizador e racista do ideário social.

Palavras-chave: Racismo. Mídia Alternativa. Branquitude

Introdução

O Brasil aboliu a escravidão em 1888. Antes disso, chegou a importar mais de quatro milhões de negros africanos. Foi o último dos países da América a deixar de comprar e vender pessoas negras como mercadoria. E passados mais de cem anos da abolição da escravidão, as marcas profundas de uma hierarquia social onde mulheres e homens negros estavam na base e nunca no topo ainda são vistas na organização social brasileira contemporânea.

Apesar de vivermos em uma sociedade muito atravessada pelo conceito de democracia racial difundido por Gilberto Freyre (1992), que destaca com muita ênfase a miscigenação racial do Brasil como forma de incutir no pensamento popular que o País estaria livre do racismo, ainda vivemos em um contexto onde a população negra pouco ocupa lugares de destaque e privilégios, sejam eles em âmbito social, cultural, profissional ou político.

O pensamento de que a proximidade entre as raças negra e branca, que desde o período da escravidão interagiam sexualmente de forma a gerar indivíduos que seriam filhos das duas raças, é a base da negação do racismo no País. Acredita-se que a miscigenação não permite pureza racial no Brasil atual, não havendo nenhum cidadão inteiramente branco ou negro.

Todavia, por mais miscigenados que estejamos, nota-se que quanto mais escura a cor da pele mais o cidadão é vítima de preconceito e mais ocupa lugares marginais na estrutura social. A suposta igualdade entre as raças tem sido uma forma de mascarar a realidade racista em que a sociedade brasileira se insere.

O racismo se baseia na crença da superioridade entre as pessoas a partir de suas características físicas. As diferentes variações de traços físicos permitem alguma flexibilidade nessa superioridade, mas é perceptível que o tipo físico que mais comumente ocupa o lugar mais alto da hierarquia social é aquele branco ou em tons de pele mais claros. A subordinação racial da população negra no Brasil se dá, na prática, com base no fato de que essa população possui desvantagens em relação ao acesso à riqueza, educação de qualidade, atividades culturais, saúde pública, lazer, oportunidades de trabalho, segurança e justiça social.

(...) a identidade racial branca – branquitude – se caracteriza nas sociedades estruturadas pelo racismo como um lugar de privilégios materiais e simbólicos construído pela ideia de “superioridade racial branca” que foi forjada através do conceito de raça edificado pelos homens da ciência no século XIX delimitando assim fronteiras hierarquizadas entre brancos e outras construções racializadas. (SCHUCMAN, 2014, p. 135 – 136)

(...) a branquitude é entendida como uma posição em que sujeitos considerados e classificados como brancos foram sistematicamente privilegiados no que diz respeito ao acesso a recursos materiais e simbólicos, gerados inicialmente pelo colonialismo e pelo imperialismo, e que se mantêm e são preservados na contemporaneidade. (SCHUCMAN, 2014, p. 136)

Outro importante componente para a permanência do racismo enquanto estrutura social é a atuação dos meios de comunicação, que seguem relegando a população negra a uma situação de sub-representação. Esse fato caracteriza uma violência simbólica, uma vez que a falta de representação adequada da população negra em espaços públicos de prestígio e destaque acaba por deixar à margem não apenas essa população como também sua cultura, saberes e tradições.

Desde a época colonial aos dias de hoje, percebe-se uma evidente separação quanto ao espaço físico ocupado por dominadores e dominados. O lugar natural do grupo branco dominante são moradias saudáveis, situadas nos mais belos recantos da cidade ou do campo e devidamente protegidas por diferentes formas de policiamento que vão desde os feitores, capitães do mato, capangas, etc, até à polícia formalmente constituída. Desde a casa grande e do sobrado até os belos edifícios e residências atuais, o critério tem sido o mesmo. Já o lugar natural do negro é o oposto, evidentemente: da senzala às favelas, cortiços, invasões, alagados e “conjuntos habitacionais” (...) dos dias de hoje, o critério tem sido simetricamente o mesmo: a divisão racial do espaço. (GONZALES, 1984, p. 232)

O viés racista da mídia, que se baseia em privilegiar a representação da população branca e estereotipar e marginalizar a população negra sem dar a ela espaço de fala e identificação tem base, dentro do campo epistêmico da Comunicação, na Teoria Hipodérmica, que durante muito tempo apregoou que os receptores das informações veiculadas na mídia o faziam sem questionar ou refletir sobre o conteúdo apresentado.

Diante dos resultados obtidos e do conceito de sociedade de massa, chegou-se à conclusão de que qualquer conteúdo exibido pela mídia atingiria os indivíduos de maneira uniforme. Todos os receptores responderiam às mensagens midiáticas sem questionar ou sugerir visões diferentes, como robôs. Assim, expurgou-se a mídia como uma arma poderosíssima, capaz de moldar a opinião pública conforme os interesses do comunicador. Deu-se a essa ideia o nome de “teoria hipodérmica” ou “teoria da bala mágica”. (TORRES, 2003, p.1)

No entanto, atualmente a Comunicação é vista de forma mais complexa. Entende-se o receptor da mensagem como um sujeito crítico e capaz de questionar as informações, além de ser um participante ativo da produção delas. É o que exemplifica Venício Artur de Lima em texto que dialoga com o ensaio “Extensão ou Comunicação?”, escrito pelo educador pernambucano Paulo Freire:

Freire recorre à raiz semântica da palavra comunicação e nela inclui a dimensão política da igualdade, a ausência de dominação. Para ele, comunicação implica um diálogo entre sujeitos, mediado pelo objeto de conhecimento que por sua vez decorre da experiência e do trabalho cotidiano. (LIMA, 2011, p. 240)

Frantz Fanon (2008) afirma que toda a representação estereotipada da população negra na esfera pública é fruto da construção do homem branco, e não da extração dos saberes e costumes das vivências da população negra. “O preto é um brinquedo nas mãos do branco”. (FANON, 2008, p. 126). Consonante a esse pensamento de representação da população negra pela população branca, Grada Kilomba (2010) pontua: Não é com o sujeito Negro que estamos lidando, mas com as fantasias brancas sobre o que a Negritude deveria ser”. (KILOMBA, 2019, p. 38)

A partir disso torna-se perceptível a importância de que a população negra seja retratada na esfera pública a partir de sua própria identidade, partindo de si mesma.

Metodologia

Já dissemos que o papel da mídia na reprodução das relações raciais é muito importante. Os meios de comunicação são parte essencial na organização civil, podendo influenciar na construção de pensamento e nas tomadas de decisão. Portanto, se faz necessário que a desconstrução de padrões midiáticos de racismo seja feita também com apoio e atuação das mídias.

Por isso é de suma importância que a população negra esteja bem representada na mídia, de forma a romper com as imagens estereotipadas e negativas de si. É necessário que essa população ocupe a esfera pública e debata suas peculiaridades de forma adequada. Trata-se a “autenticidade étnica” a que se refere Guerrero Ramos (1957), que permite um nascimento e uma ressignificação das relações raciais no Brasil, dando início, assim, a uma nova tradição racial que representa novas condições objetivas da vida da população negra brasileira.

Na contemporaneidade, a população negra brasileira tem encontrado espaço para construção de uma imagem de si, distanciando-se dos estereótipos que lhes foram impostos pela população branca.

Há o tema do negro e há a vida do negro. (...) Como vida ou realidade afetiva, o negro vem assumindo o seu destino, vem se fazendo a si próprio, segundo lhe têm permitido as condições particulares da sociedade brasileira. (...) O negro-vida é algo que não se deixa imobilizar. (RAMOS, 1957, p. 171)

Analisaremos, portanto, parte do conteúdo do Portal Ceará Criolo, ativo desde novembro de 2018 com vistas a preencher a lacuna da população negra na mídia. O portal foi idealizado e é mantido por cinco comunicadores negros: Bruno de Castro, Rafael Ayala, Jéssica Carneiro, Tatiana Lima e Rayana Vasconcelos.

O Ceará Criolo está hospedado em ambiente online, no endereço <http://www.cearacriolo.com.br/>, onde disponibiliza gratuitamente e sem restrições de visualização todo o seu conteúdo. O site é composto pelas seções “Notícias”, “Opinião”, “Afrossaberes”, “Ancestralidade”, “Especiais” e “Entrevistas”.

O conteúdo da publicação é também compartilhado nas redes sociais *Facebook*, *Twitter* e *Instagram*, onde há interação com os leitores, formando assim um ambiente de debate. Ainda é possível cadastrar-se para receber uma *newsletter* que, periodicamente, informa os leitores dos conteúdos mais relevantes publicados no site. Na aba “Sobre Nós” a publicação se define como:

O “Ceará Criolo” é um portal produzido por comunicadores negros. Que existe para ir na contramão do discurso excludente e enervado de clichês das empresas tradicionais de comunicação sobre a população negra.. (Seção “Sobre Nós” do Site Ceará Criolo)

A publicação, que traz pautas ligadas à população negra, é um veículo alternativo dentro do conceito de Kucinski (2011), que define a imprensa alternativa como algo que não está ligado a políticas dominantes e se coloca como única saída de comunicação para uma situação difícil e que exprime o desejo das gerações de protagonizar as transformações sociais que pregam. Como exemplo, trazemos um trecho da matéria “Jinga – A história da rainha guerreira de Angola”, da qual destacamos o seguinte parágrafo:

Durante o século XVII, uma rainha na África tirou o sono de governadores portugueses. Foram três décadas de regência, mantendo o reino independente diante de muitos ataques europeus. A rainha Jinga chegou ao poder graças à bravura militar, à manipulação habilidosa da religião, à diplomacia bem-sucedida e à notável compreensão da política. Assim, governou o Ndongo, um reino da África central localizado onde hoje é uma parte do norte de Angola. Essa história é retratada no livro “Jinga de Angola – a rainha guerreira da África”(Editoria Todavia, R\$ 89), lançado em janeiro no Brasil. A autora, Linda M. Heywood, é professora de história e estudos afro-americanos na Universidade de Boston e explica que apesar dos feitos extraordinários e do reinado de décadas, ela foi difamada por contemporâneos europeus e escritores posteriores, que a acusaram de ser

uma selvagem incivilizada que encarnava o pior do gênero feminino.
(AYALA, 2019, n.p)

A publicação também traz conteúdos onde são traçados perfis de personalidades negras, buscando, assim, valorizar seus saberes e atuações dentro de um movimento favorável à população negra. Como é o caso da matéria que traz uma entrevista com a ativista Verônica Carvalho:

Educadora popular e assessora técnica da Cáritas Brasileira – Regional Ceará, Verônica Carvalho é uma das fundadoras do Grupo de Valorização Negra do Cariri (Gruneç). É militante dos movimentos sociais, seja ele negro ou de mulheres, pelo fim da violência ou pela valorização da juventude. Uma guerreira de muitas bandeiras. Formada em Biologia em São Paulo, desde a juventude está imersa nos movimentos sociais pelo fortalecimento de diversas pautas, multiplicando-se, somando. “Fui daquelas que peguei a Itapemirim (empresa de ônibus cearense). Não achei oportunidade aqui na minha terra e por um tempo fui pra São Paulo. Trabalhei, estudei e voltei pra minha terra e aqui a gente vive na luta”, afirma. No Cariri, a descendente de quilombolas seguiu lutando. Para os próximos anos, a expectativa é de mais luta. “A gente precisa realmente não soltar a mão de ninguém, articular a rede. Isso fortalece a luta. Ou a gente luta ou a gente se lasca. Mais ainda, né? Não tem saída não; é se juntar. Quando a gente se junta, o poder se espalha.” Num bate-papo com o Ceará Criolo, Verônica reforça a necessidade de união e luta. Da importância de não esquecer da ancestralidade. Demonstra, em cada palavra, a força para lutar por uma vida mais digna para todos e resistir a qualquer tipo de retrocesso em termos de direitos. (AYALA, 2019, n.p)

Resultados e Discussão

Nota-se, portanto, que o Ceará Criolo é um exemplo de publicação que consegue romper com o tratamento textual e de imagem que a grande mídia oferta à população negra. O *site* atua de forma contra hegemônica ao discurso e aos conteúdos racistas da mídia de modo geral quando posiciona o negro como protagonista do conteúdo e traz discursos com foco na valorização da identidade da população negra.

O *site* Ceará Criolo traz um novo olhar para a valorização da cultura negra, bem como sua história e sabers. Distancia-se, portanto, dos estereótipos de raça que inferiorizam e marginalizam a população negra.

Conclusão

O racismo estrutural e sistêmico é a marca mais profunda da escravidão no Brasil. Ele está, principalmente, na dificuldade enfrentada pela população negra para acessar lugares de privilégios, tão comuns à população branca. E isso se agrava porque a imagem do negro na mídia e no ideário social é de um indivíduo marginalizado, pobre culturalmente, perigoso e

exacerbadamente sexualizado. Esta é a imagem que a população branca construiu da população negra ao longo dos anos e que se enraizou socialmente. Somado a isso, o racismo se manifesta muito comumente no mito da democracia racial, que mascara o preconceito à população negra quando afirma que não há brancos ou negros no Brasil, mas tão somente uma mistura dessas raças.

No entanto, as pessoas de pele mais escura continuam a ocupar lugares de base social e muito dificilmente do topo. Além disso, estão retratadas na esfera pública a partir do olhar da população branca.

Como forma de reconstruir a imagem da população negra e, desta forma, buscar desconstruir o racismo enraizado no pensamento e na ordem social, homens e mulheres negras têm-se articulado para ocupar espaços de fala e representação na mídia.

Desse tipo de iniciativa nasceu o site Ceará Criolo, que visa informar e propor reflexões à população negra a partir de um ponto de vista que lhes privilegie e favoreça. O site é mantido por cinco comunicadores negros, que se colocam a população negra posição de protagonismo para falar de si e representar a si mesma. Desta forma, resgatam e produzem valores culturais, históricos e sociais para a população negra.

Referências

- AYALA, Rafael. Verônica Carvalho: Quando a gente se junta, o poder se espalha In: Site Ceará Criolo. Disponível em: <http://cearacriolo.com.br/novo/2019/01/veronica-carvalho-quando-a-gente-se-junta-o-poder-se-espalha/>. Acesso em 13 de junho de 2019.
- _____. Jinga – A história da rainha guerreira de Angola In: Site Ceará Criolo. Disponível em: <http://cearacriolo.com.br/novo/2019/02/jinga-a-historia-da-rainha-guerreira-de-angola/>. Acesso em 13 de junho de 2019.
- CEARÁ CRIOLO. Seção “Somos Nós”. Disponível em <http://cearacriolo.com.br/novo/quem-somos/>. Acesso em 12 de junho de 2019.
- CORREIA, João Carlos. Novos movimentos sociais e transformações no modelo de análise das mídias In: FERREIRA, Jairo; VIZER, Eduardo (Org). **Mídia e movimentos sociais: linguagens e coletivos em ação**. São Paulo: Edições Loyola, 2014.
- FANON, Frantz. **Pele Negra, Máscaras Brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.
- FREYRE, Gilberto. **Casa Grande e Senzala**. Rio de Janeiro: Editora Record, 1992.
- GONZALES, Lélia. Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira In: **Revista de Ciências Sociais Hoje**, Anpocs, 1984.
- KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação: Episódios de Racismo Cotidiano**. Rio de Janeiro: Editora Cobogó, 2019.
- KUCISNSKI, Bernardo. **Jornalistas e Revolucionários: Nos Tempos da Imprensa Alternativa**. 3ª Edição, São Paulo: EDUSP, 2001.
- LIMA, Venício Artur. **Regulação das Comunicações: história, poder e direitos**. São Paulo: Editora Paulus, 2011.
- RAMOS, Guerrero. Patologia social do branco brasileiro In: **Introdução crítica à sociologia brasileira**. Rio de Janeiro: Editorial Andes Limit, 1957.
- SCHUCMAN, Lia Vainer. Branquitude e Poder: Revisitando o “Medo Branco” no Século XXI In: **Revista da ABPN**. Volume 6, número 13, Março – Junho 2014, p. 134 – 147.
- TORRES, Fernando. **Saudades da agulha hipodérmica**, 2003. Disponível em: <http://observatoriodaimprensa.com.br/primeiras-edicoes/saudades-da-agulha-hipodrmica/>. Acesso em 12 de junho de 2019.